

COMENTÁRIO
EXEGÉTICO

G. K.
BEALE

**COLOSSENSES
E FILEMOM**

Sumário

<i>Prefácio da série Comentário Exegético</i>	xi
<i>Prefácio do autor</i>	xv
<i>Reduções gráficas</i>	xix
<i>Transliteração do grego</i>	xxix
<i>Transliteração do hebraico</i>	xxx

Colossenses

Introdução a Colossenses	1
I. Introdução da carta: Paulo e Timóteo desejam graça e paz aos colossenses (1.1-2)	27
II. Ação de graças da carta: Paulo agradece a Deus pela vida cristã dos leitores (1.3-23)	37
A. Paulo reconhece a fé, o amor e a esperança genuínos do povo de Deus do fim dos tempos (1.3-8)	39
B. Paulo ora continuamente para que os crentes entendam a vontade de Deus (1.9-14)	66
C. A supremacia de Cristo sobre a primeira criação é um padrão para a nova criação (1.15-23)	99
III. Corpo da carta: os cristãos devem se empenhar para alcançar a maturidade (1.24-4.6)	176
A. Paulo se alegra em sua luta para proclamar Cristo (1.24-2.5)	177
B. Os crentes devem viver somente com base em Cristo (2.6-15)	222
C. Os crentes não precisam se submeter a práticas religiosas extraordinárias (2.16-23)	278

D. Os crentes devem buscar as coisas celestiais e não as velhas coisas terrenas (3.1-4)	341
E. Os crentes devem abandonar o modo de vida pecaminoso do velho mundo (3.5-11)	354
F. Os crentes devem praticar o modo de vida neocriacional com um foco cristocêntrico (3.12-17)	383
G. Os crentes devem praticar o modo de vida neocriacional na família e no local de trabalho (3.18—4.1)	409
H. O modo de vida neocriacional deve levar à oração pela expansão efetiva do evangelho (4.2-6).....	435
IV. Conclusão da carta: Paulo enfatiza seu cuidado pastoral pelos colossenses (4.7-18).....	456
A. Paulo quer que os colossenses saibam sobre sua prisão, que é para o benefício deles e o progresso do evangelho, a fim de encorajá-los (4.7-9).....	460
B. Além de si mesmo, Paulo quer que os colossenses saibam que seus cooperadores estão preocupados pastoralmente com eles (4.10-14)	464
C. A responsabilidade dos colossenses no ministério (4.15-17).....	472
D. Paulo reafirma seu cuidado pastoral expresso nos versículos 7-9 “saudando” os colossenses (4.18)	476

Filemom

Introdução a Filemom.....	481
I. Introdução da carta: Paulo e Timóteo desejam graça e paz a Filemom e à igreja colossense (v. 1-3)	491
II. Ação de graças e oração introdutórias: Paulo agradece a Deus por Filemom e ora por ele (v. 4-7)	500
III. Corpo da carta: apelo de Paulo (v. 8-21)	518
A. Paulo apela ao coração de Filemom (v. 8-14)	521
B. Paulo apela confiantemente a Filemom para aceitar seu escravo (v. 15-21)	547
IV. Conclusão da carta: Paulo pede a Filemom que mostre cuidado pastoral com ele, e Paulo mostra seu cuidado pastoral com a igreja na casa de Filemom (v. 22-25)	567

Excurso 1: O problema em usar os critérios de vocabulário e estilo de escrita para identificar cartas supostamente não paulinas	575
Excurso 2: Critérios para identificar alusões ao AT e seu uso	580
Excurso 3: “Cristo entre os gentios” como parte do mistério	587
Excurso 4: O contexto veterotestamentário de “a incircuncisão da vossa carne” em Colossenses 2.13	590
Excurso 5: O relacionamento de senhor e escravo	594
<i>Bibliografia</i>	599
<i>Índice de palavras gregas</i>	635
<i>Índice de passagens bíblicas e de outros escritos antigos</i>	637
<i>Índice remissivo</i>	679

Prefácio da série *Comentário Exegético*

Conforme narrado no livro de Atos, o encontro entre Filipe e o eunuco etíope na estrada de Jerusalém a Gaza foi obra do Senhor (At 8.26-39). Esse etíope trazia consigo uma cópia de pelo menos parte das Escrituras, e estava lendo o livro do profeta Isaías. Ao ouvi-lo ler, Filipe indagou: “Entendes o que estás lendo?” (At 8.30).

Ao escrever um comentário, é difícil almejar propósito mais premente do que este: *achegar-se ao leitor das Escrituras para conduzi-lo à compreensão do significado do que lê* — e fazê-lo de modo não apenas informativo, mas também transformador. Esse é o objetivo da série *Comentário Exegético*, de Edições Vida Nova. Seu trabalho interpretativo não pode ter melhor razão para existir nem melhor objetivo. Serve ao propósito de conduzir o leitor à interpretação precisa do texto da Escritura, além de proporcionar um meio de confirmação e validação das interpretações às quais seu estudante tenha chegado no processo hermenêutico e exegético, com vistas à aplicação pessoal ou à exposição da mensagem escrita. Isso porque vivemos em um mundo caído e aflito que precisa de direção. Precisa, portanto, da Palavra de Deus.

Mas o caminho da leitura à prática nem sempre é direto e rápido. Para compreender o texto bíblico, são necessárias boas ferramentas, e entre as mais úteis estão os comentários bíblicos. Existem vários tipos de comentários. Os que integram a série *Comentário Exegético* são daqueles que se aprofundam na compreensão do texto original da Bíblia por meio de uma exegese detalhada, justamente com o propósito de levar o leitor das Escrituras à prática da vontade de Deus.

Assim, os comentários desta série apresentam as seguintes características:

- aliam profundidade acadêmica e facilidade de leitura;
- atendem às necessidades de pastores e demais pregadores da Palavra inspirada;

- são compreensíveis ao leigo interessado no conhecimento mais profundo das Escrituras;
- são minuciosos no tratamento de cada texto, sem exagerar nos detalhes;
- tratam a exegese não como um fim em si mesma, mas como recurso para a compreensão do todo;
- apresentam os aspectos das línguas originais de forma acessível;
- têm por objetivo entender cada perícopo em seu contexto, associando cada passagem ao que vem antes e depois;
- reúnem autores que pertencem a uma tradição teológica conservadora e são oriundos de diversas orientações dentro do universo evangélico;
- buscam representar o texto original de modo apurado, claro e que faça sentido para o leitor de hoje.

Além dessas características, há ainda aspectos que diferenciam os comentários que compõem esta série.

Primeiramente, e acima de tudo, ocupam-se *do texto* das Escrituras. Não significa dizer que não deem atenção ao longo desenvolvimento das pesquisas escriturísticas e ao debate acadêmico. Significa, antes, que se esforçam em apresentar um comentário *do texto* e não do debate acadêmico. Portanto, o resultado central e principal desse trabalho é um guia de fácil leitura, reservando para as notas de rodapé (ou notas adicionais ao final de cada seção) a interação com as questões críticas e a respectiva literatura técnica. Ocupar-se, porém, do texto das Escrituras não significa que a série tenha evitado certos métodos críticos ou tenha exigido que cada autor siga uma abordagem definida. Em vez disso, foram adotados as abordagens e os métodos necessários, sempre norteados pelo propósito maior de ajudar cada autor na tarefa de deixar claro o significado desses textos.

Em segundo lugar, os autores da série identificam-se conscientemente como seguidores de Cristo que leem as Escrituras a serviço da igreja e de sua missão no mundo. Ler as Escrituras dessa forma não significa garantir algum tipo específico de interpretação. Significa entender que, na história da interpretação, há épocas em que as Escrituras trazem uma palavra necessária de confronto, chamando o povo de Deus de volta a sua vocação. Já em outras ocasiões, as Escrituras oferecem uma palavra de consolo, lembrando o povo de Deus de sua identidade, de que ele segue a um Messias crucificado e serve a um Deus que vindicará os caminhos dele e de seu povo.

A terceira característica que distingue esta série é o fato de seus comentários reconhecerem que nossa leitura das Escrituras não pode estar descolada

da realidade do mundo em favor do qual a igreja cumpre sua missão. Pois, como C. S. Lewis assinalou, com razão, em seu conto *O sobrinho do mago*, “o que você ouve e vê depende do lugar em que se coloca”.¹ Esse lugar é o mundo em que estamos, o qual nos pressiona com perguntas que não deixam de instruir nosso trabalho de interpretação. Assim, não basta expor aquilo que Deus disse outrora, pois precisamos ouvir vezes sem conta aquilo que o Espírito, por meio das Escrituras, está dizendo à igreja hoje. Por conseguinte, precisamos examinar o significado teológico daquilo que lemos e como essa mensagem pode fincar pé no coração das pessoas.

Por último, a série *Comentário Exegético* foi elaborada por meio da seleção de volumes oriundos de algumas das melhores e mais atualizadas séries de comentários produzidas em língua inglesa. São obras que se situam em um ponto intermediário entre comentários mais críticos e acadêmicos — que incluem citações não traduzidas do grego, do aramaico ou do latim, por exemplo — e comentários homiléticos — os quais tentam trocar em miúdos como um texto das Escrituras pode ser transmitido, em forma de ensino ou pregação, à igreja reunida.

Nossa esperança é que aqueles que estão se preparando para ensinar e pregar a Palavra de Deus encontrem nestas páginas a orientação de que precisam. E que aqueles que estão aprendendo a fazer exegese encontrem aqui um exemplo a ser seguido.

É com imensa satisfação, portanto, que disponibilizamos à igreja brasileira esta preciosa série de comentários bíblicos.

¹*As crônicas de Nárnia* (São Paulo: Martins Fontes, 2009), livro 1: *O sobrinho do mago*.

Prefácio do autor

Comecei a escrever este comentário perto do final de 2012. Ao embarcar na tarefa de escrever um comentário, muitas vezes o autor se pergunta se de fato é necessário escrever mais um comentário. Isso vale principalmente para Colossenses e Filemom. Há uma enorme quantidade de comentários e literatura secundária sobre essas duas epístolas. No caso de Colossenses, eu acreditava que ainda havia a necessidade de um comentário que fizesse as seguintes coisas: (1) estudar as alusões ao AT de um modo mais minucioso do que foi feito até agora a fim de determinar como elas poderiam influenciar a interpretação de Colossenses; (2) estudar como a tradição exegética judaica interpretou essas mesmas alusões ao AT e como essa interpretação correspondia ao uso em Colossenses. Eu constatei que as alusões ao AT ocorrem no que comentaristas consideram ser pontos decisivos da epístola e ter um impacto significativo na exegese e teologia de Colossenses. Outros precisarão julgar se ou em que medida atingi esses objetivos com êxito e avaliar a qualidade da minha argumentação a favor da presença de alusões ao AT em toda Colossenses. Filemom provavelmente não tem alusões claras ao AT, de modo que a minha contribuição a essa epístola não será feita nessa área como em Colossenses. No entanto, tentei interpretar Filemom primeiro com base na minha própria interação com o texto grego antes de ler a literatura secundária. Segui o mesmo padrão em Colossenses. Minha intenção ao escrever o comentário foi apresentar uma exegese de Colossenses e Filemom que fosse especialmente útil para professores, pastores, estudantes e outras pessoas seriamente interessadas em interpretar Colossenses e Filemom para o benefício da igreja. Embora a discussão do comentário seja bastante detalhada em vários pontos, coloquei declarações de ideias exegéticas no início de cada seção, de modo que o leitor pode perceber como eu resumo o material a seguir. Essas declarações podem servir de núcleo de ideias homiléticas para aqueles que usarem o comentário para pregar e lecionar em estudos bíblicos. Também coloquei muita discussão nas notas adicionais, que aparecem no fim de cada

unidade de comentário. Essas seções anexadas entram em mais detalhes sobre vários pontos defendidos nos comentários e fornecem mais apoio para eles. Providenciei uma tradução da maioria das palavras e expressões gregas para o benefício daqueles não versados em grego.

Interagi com o que acredito serem as fontes mais relevantes entre o vasto material sobre Colossenses e Filemom, mas não tentei interagir com *toda* a literatura secundária disponível sobre Colossenses e Filemom. O comentário tem uma dívida para com comentaristas anteriores, especialmente Douglas J. Moo, J. D. G. Dunn, David E. Garland, Eduard Lohse, Peter T. O'Brien, David W. Pao e N. T. Wright.

Sou grato à administração e aos conselheiros do Westminster Theological Seminary por me concederem os recursos e o tempo (especialmente uma licença sabática) para conseguir concluir este projeto. Também agradeço aos meus seguintes assistentes da pós-graduação por fazerem a revisão e por várias tarefas de pesquisa relacionadas à escrita deste comentário: Matt Dudreck, Brandon Szerlip, Todd Scaewater, Will Ross, Calvin Peronto, Danillo Santos, William Wood e Laura Leon.

Como foi o caso em meus projetos anteriores, tenho uma dívida de gratidão especialmente para com a minha esposa, Dorinda, que me ajudou a entender Colossenses e Filemom melhor enquanto discutíamos os livros. Acima de tudo, sou grato a Deus, que me deu o desejo de escrever este projeto e a energia para concluí-lo. Minha oração é que este livro seja somente para a glória dele.

São necessárias aqui algumas observações sobre aspectos estilísticos e outras características do comentário.

Em vez de oferecer uma tradução original, usei a New American Standard Bible (NASB) como a base para este comentário, um desvio da prática normal da série Baker Exegetical Commentary on the New Testament. Sou grato à Lockman Foundation pela permissão para usar sua tradução de forma tão extensiva. Especialmente nos blocos bíblicos que precedem as seções de comentário, colchetes marcam todos os pontos em que me afastei da NASB e traduzi o texto grego de outra maneira. Nas seções de comentário, incorporei mais livremente a minha própria tradução de termos e expressões-chave e sublinhei a fim de chamar a atenção para palavras específicas tanto na NASB quanto nas ocorrências em que empreguei minha tradução.

Referências ao Novo Testamento grego seguem o texto da NA²⁸. Ao discutir leituras variantes no texto grego de Colossenses e Filemom, identificadas por [⋈] nas perícopes, concentro a atenção em variantes textuais que influenciam de modo significativo o sentido do texto (geralmente trato delas em notas de rodapé ou nas notas adicionais).

Com respeito a traduções de outras obras antigas, quando a tradução diverge das edições comuns a que geralmente me refiro, então se trata de minha tradução ou de alguém mais (neste caso, indico de quem é). Algumas das minhas discussões sobre a relação do AT e judaísmo com Colossenses são o resultado de uma integração e revisão do meu trabalho anterior sobre o uso do AT em Colossenses (Beale 2007: 841-70).

Para o AT grego, usei a revisão de R. Hanhart da *Septuaginta*, edição de A. Rahlfs (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006). Minha tradução inglesa padrão da Septuaginta é L. C. L. Brenton, *The Septuagint version of the Old Testament and Apocrypha with an English translation* (London, Reino Unido: Samuel Bagster & Sons, 1896; reimpr., Grand Rapids: Zondervan, 1972). Esse texto se baseia somente no códice B. Também consultei a *A new English translation of the Septuagint*, edição de A. Pietersma; B. G. Wright (New York: Oxford University Press, 2007).

Meu texto hebraico padrão para os Manuscritos do Mar Morto é a edição de M. G. Abegg Jr. acessado por meio do software Accordance Bible. Às vezes me refiro ao texto hebraico editado por F. García Martínez e E. J. C. Tigchelaar, *The Dead Sea Scrolls: study edition* (Leiden: Brill, 1997-1998), 2 vols. Minha tradução inglesa padrão dos manuscritos é a de M. O. Wise; M. G. Abegg Jr.; E. M. Cook, *The Dead Sea Scrolls: a new translation*, ed. rev. (New York: Harper Collins, 2005). Outras traduções desses textos são citadas por nome (e.g., Dupont-Sommer, Vermès, García Martínez). Quando traduções para o inglês divergem de todas as outras traduções, elas são de minha autoria.

O texto grego e a tradução para o inglês de Filo seguem as edições da Loeb Classical Library, embora eu às vezes cite a tradução de Yonge 1993. Outras variações em relação ao inglês da edição Loeb são a minha própria tradução.

As seguintes edições em inglês de várias obras judaicas foram consultadas, referenciadas e às vezes citadas:

The Babylonian Talmud. Edição de I. Epstein (London, Reino Unido: Soncino, 1948). 18 vols.

Mekilta de-Rabbi Ishmael. Tradução para o inglês e edição de J. Z. Lauterbach (Philadelphia: Jewish Publication Society of America, 1976). 3 vols.

The Midrash on Proverbs. Tradução para o inglês de B. L. Visotzky (New Haven: Yale University Press, 1992).

The Midrash on Psalms. Tradução para o inglês e edição de W. G. Braude. Yale Judaica Series (New Haven: Yale University Press, 1976). vol. 13.1,2.

Midrash Rabbah. Edição de H. Freedman; M. Simon (London, Reino Unido: Soncino, 1961). 10 vols.

- Midrash Sifre on Numbers*. Tradução para o inglês e edição de P. P. Levertoff. Translations of Early Documents, Series III: Rabbinic Texts (London, Reino Unido: Golub, 1926).
- Midrash Tanhuma*. Tradução para o inglês e edição de J. T. Townsend (Hoboken: Ktav, 1989). 2 vols.
- Midrash Tanhuma-Yelammedenu: an English translation of Genesis and Exodus from the printed version of Tanhuma-Yelammedenu with introduction, notes, and indexes*. Tradução para o inglês de S. A. Berman (Hoboken: Ktav, 1996).
- The minor tractates of the Talmud*. Edição de Cohen (London, Reino Unido: Soncino, 1965). 2 vols.
- The Mishnah*. Tradução para o inglês e edição de H. Danby (Oxford: Oxford University Press, 1980).
- The Old Testament Pseudepigrapha*. Edição de J. H. Charlesworth (Garden City: Doubleday, 1983). 2 vols.; algumas vezes foi feita referência a *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament*. Edição de R. H. Charles (Oxford: Clarendon, 1977). vol. 2: *Pseudepigrapha*.
- The Pesikta de-Rab Kahana*. Tradução para o inglês e edição de W. G. Braude; I. J. Kapstein (Philadelphia: Jewish Publication Society of America, 1975).
- Pesikta Rabbati*. Tradução para o inglês e edição de W. G. Braude, Yale Judaica Series (New Haven: Yale University Press, 1968). vol. 18.1,2.
- Pirke de Rabbi Eliezer*. Tradução para o inglês e edição de G. Friedlander (New York: Hermon, 1916).
- Sifre: a tannaitic commentary on the book of Deuteronomy*. Tradução para o inglês e edição de R. Hammer. Yale Judaica Series (New Haven: Yale University Press, 1986). vol. 24.
- Tanna debe Eliyyahu*. Tradução para o inglês e edição de W. G. Braude; I. J. Kapstein (Philadelphia: Jewish Publication Society of America, 1981).
- The Targums of onkelos and Jonathan Ben Uzziel on the Pentateuch, with the fragments of the Jerusalem Targum, on Genesis and Exodus*. Tradução para o inglês e edição de J. W. Etheridge (New York: Ktav, 1968); e os volumes publicados em *The Aramaic Bible: the Targums*. Edição de M. McNamara (Collegeville: Liturgical, 1987).

Referências e traduções de trechos dos pais apostólicos são de *The apostolic Fathers: Greek texts and English translations*, 3. ed., tradução para o inglês e edição de M. W. Holmes (Grand Rapids: Baker Academic, 2007).

Introdução a Colossenses

Autoria

Argumentos a favor de um autor pseudônimo

CONSIDERAÇÕES VOCABULARES E ESTILÍSTICAS

Embora isso tenha sido prenunciado no século 19, no início do século 20 estudiosos apresentaram argumentos de que Paulo não escreveu Colossenses.¹

Um argumento era que o vocabulário de Colossenses era tão diferente das outras epístolas paulinas genuínas que Colossenses precisava ser considerada como tendo sido escrita por outro autor. O número de palavras que ocorrem uma só vez (34 hápax legomena; veja Pascuzzi 2013: 229) era visto como tão grande que sinalizava a impossibilidade de Paulo ser seu autor. Se a epístola fosse autêntica, não seriam usadas mais palavras em comum com o vocabulário costumeiro de Paulo?

No entanto, uma comparação de estatísticas de palavras entre uma epístola e outra para determinar a autoria é um critério precário nesse caso. Por exemplo, há entre as cartas consideradas autênticas de Paulo tantas palavras que ocorrem uma só vez quantas em supostas cartas pseudepigráficas.² Além disso, há dados insuficientes para determinar o estilo padrão de Paulo (as sete cartas supostamente autênticas de Paulo não fornecem uma amostra grande o suficiente para determinar isso). Ademais, é plausível que os tipos

¹Uma estimativa é que 60% dos estudiosos contemporâneos acreditam que Colossenses não foi escrita por Paulo; veja D. Moo 2008: 29, que fornece uma amostragem de estudiosos que sustentam a autoria paulina e outros que não a afirmam. Veja J. White 2007: 90-1, que lista estudiosos recentes de língua inglesa e alemã que acreditam na autoria paulina final de Colossenses.

²E.g., Colossenses usa 87 palavras não encontradas nas sete epístolas autênticas aceitas, mas Filipenses (aceita como paulina) contém 79 palavras que somente essa carta traz; veja D. Moo 2008: 30.

de palavras usados para escrever a uma igreja específica seriam em muito moldados pelas circunstâncias singulares da igreja e a ocasião específica que motivou a escrita da carta. Por fim, o estilo de escrever de uma pessoa na escolha de vocabulário pode mudar bastante ao longo do tempo. Considere até mesmo hoje como o estilo de escrita de um estudioso geralmente muda muito da época de estudante a quando ele se aposenta. Alguns citaram o estilo sintático singular de Colossenses como evidência de autoria não paulina.³ Mas, repetindo, exatamente o mesmo argumento citado acima contra o critério do vocabulário pode igualmente ser apresentado em resposta a argumentos sintáticos contra a autoria de Paulo.⁴ Na verdade, toda característica estilística incomum em Colossenses, com a exceção de ὅ (ᾧ) ἐστίν (*ho [ha] estin*: que é, 2.17,22), pode ser encontrada nas chamadas cartas autênticas, embora com menos frequência (veja Pascuzzi 2013: 230).

Em relação a isso, Paulo talvez tenha sido coautor da epístola com Timóteo (cf. Cl 1.1), mas isso é improvável em virtude do uso repetido de “eu” ao longo da carta, rematado com a conclusão “Eu, Paulo, escrevo esta carta de próprio punho”. No entanto, também se deve levar em consideração o fato de que Paulo usava secretários e que há uma variedade de modos em que autores ditavam no mundo antigo. Por exemplo, Cícero (*Ático* 333, 13.25) fala de dois tipos de ditado a secretários: “Tirão, que costuma anotar seções inteiras de uma só vez”, mas “Espíntaro” anotou “sílabas por sílabas”.⁵ Se Paulo ditou essa carta usando a abordagem mais livre, então faria bastante sentido a carta refletir a escolha de vocabulário do secretário com respeito a sinônimos e paráfrases interpretativas. Um argumento no sentido de um método de ditado mais livre é o de Dunn. Ele na verdade acredita tecnicamente que Paulo nem mesmo ditou a carta, mas que um de seus próprios discípulos ou companheiros de trabalho (provavelmente Timóteo) a redigiu em seu nome; em seguida, Paulo a leu ou a ouviu sendo lida, e então ele a aprovou (e talvez revisou?) antes de ser enviada aos colossenses. Sendo assim, o secretário de Paulo teria estado “familiarizado com o padrão amplo de composição de carta paulino” e talvez Paulo “não visse problemas em deixar para o secretário formular a carta com

³Veja, e.g., Schweizer 1982: 18, listando vários tipos de construções sintáticas que ocorrem em Colossenses e não ocorrem nas cartas cuja autoria paulina não é contestada (como combinações de construções sinônimas, a forma que genitivos são unidos, frases difíceis e longas ou orações relativas unidas frouxamente).

⁴Veja O'Donnell (1999) para uma elaboração da falácia de tentar identificar a autoria com base nos critérios acima referidos de vocabulário, sintaxe e outras facetas do estilo de escrita, a qual mais tarde achei útil (veja excuro 1).

⁵Sou grato a Gordon Fee por chamar a minha atenção para esse texto de Cícero.

um grau razoável de liberdade, talvez pelas condições de sua prisão em que era, naquele momento, somente capaz de acrescentar as mais breves conclusões pessoais (veja comentário sobre 4.18)” (Dunn 1995: 38). Dunn conclui que o que talvez pareçam ser conceitos teológicos diferentes ou ênfases teológicas diferentes do secretário não contradizem o pensamento de Paulo, visto que representariam a interpretação que o secretário faz da teologia paulina, que Paulo teria aprovado e autorizado como desenvolvimentos orgânicos e coerentes do seu próprio pensamento. Essa é uma ideia especulativa e complicada. No entanto, até mesmo essa ideia extrema de uso de secretário ainda estaria dentro do âmbito de a epístola ser considerada em última instância de Paulo (Dunn 1995: 38) e assim portar sua autoridade apostólica. Esse fenômeno ocorre hoje nos Estados Unidos, por exemplo, com redatores de discursos presidenciais. O redator de discursos escreve um discurso; o presidente o confere, talvez faça alguma revisão e então profere o discurso.

Assim, ou o próprio Paulo escreveu a epístola ou ele autorizou que fosse ditada a um secretário ou foi coautor dela com Timóteo. As duas primeiras opções são mais prováveis. Poderíamos dizer que “Paulo era ‘dono’ do conteúdo, ainda que sua formulação e articulação talvez fossem obra de outras pessoas” (Pascuzzi 2013: 227).

CONSIDERAÇÕES TEOLÓGICAS

Os comentaristas comumente admitem que um dos critérios para identificar a autoria não paulina de Colossenses é que alguns dos seus conceitos teológicos não parecem ser coerentes com a teologia de Paulo nas suas sete cartas supostamente autênticas.⁶ Mas essa ideia se baseia na pressuposição de que o pensamento de Paulo se desenvolveu ao longo de uma trajetória cronológica linear, começando com ideias menos desenvolvidas em direção a ideias mais desenvolvidas, e que noções ainda mais desenvolvidas podem ser identificadas como avançadas demais para Paulo. Mas como se pode ter certeza de que ideias supostamente mais avançadas de Paulo não poderiam ter surgido antes das supostamente menos desenvolvidas? E como se pode ter certeza de que o que é afirmado como avançado demais para Paulo realmente o seja?⁷ Por conseguinte, é excessivamente otimista achar que é possível definir o grau de

⁶As sete cartas do NT aceitas por todos os estudiosos como originalmente escritas por Paulo são: Romanos, 1Coríntios, 2Coríntios, Gálatas, Filipenses, 1Tessalonicenses e Filemom.

⁷Veja Pascuzzi (2013: 237) quanto a levantar perguntas sobre as pressuposições com respeito ao modo das ideias de Paulo terem se desenvolvido.

liberdade que um autor tem antes de chegar ao ponto de autocontradição⁸ ou a um ponto além do qual seria inconcebível seu pensamento chegar. Entre os conceitos geralmente citados estão cristologia, escatologia, eclesiologia e a vida cristã.⁹

A cristologia, especialmente em 1.15-17, é em geral considerada mais avançada do que nas cartas cuja autoria paulina não é contestada. Nela Cristo é descrito como existindo eternamente antes da primeira Criação como um ser plenamente divino. Mas é certo que 1Coríntios 8.4-6 e Filipenses 2.6-11 são quase tão explícitas quanto Colossenses sobre a divindade de Cristo (e.g., mencionado por Dunn 1995: 36), e esta última passagem também se concentra na preexistência de Cristo. Mas alguns entendem que a cristologia de Colossenses 1.19-20 e 2.9 é até mesmo um passo explícito além de qualquer outra coisa nas epístolas aceitas de Paulo (assim Dunn 1995: 36). No entanto, quando essas passagens são situadas em um contexto de templo do AT (veja meus comentários sobre 1.19; 2.9), podem então ser vistas como um desenvolvimento da teologia do templo do próprio Paulo, a qual também em outras passagens paulinas se baseia no AT (e.g., veja 1Co 3.9-17; cf. 2Co 6.15-16).

A afirmação eclesiológica de que Cristo é “a cabeça do corpo” em 1.18a é vista como estando mais de acordo com a eclesiologia de Efésios 1.21-23 (epístola que tipicamente também é considerada pseudônima) do que qualquer coisa encontrada nas sete epístolas aceitas de Paulo (assim Dunn 1995: 36). Mas por que isso não poderia ser um desenvolvimento feito pelo próprio Paulo, especialmente considerando-se que ele já discutiu a questão de os crentes serem o “corpo de Cristo” (NIV: 1Co 10.16; 12.27, esta última passagem dizendo: “Ora, vocês são o corpo de Cristo”)?¹⁰ Pascuzzi (2013: 238) argumenta que, embora Paulo não se refira a Cristo como a “cabeça” do corpo em 1Coríntios 12, isso não significa que ele não poderia ter concebido a noção antes de escrever Colossenses, especialmente pelo fato de que 1Coríntios 11.3 diz: “Cristo é a cabeça de todo homem”, que se aproxima de Cristo ser a cabeça de toda a igreja. Alguns afirmam que Paulo aparentemente não considerava a igreja uma realidade supralocal (i.e., universal) antes de Colossenses, de modo que uma ideia

⁸Veja Carson; Moo 2005: 518, em dependência de L. T. Johnson 1972: 394-5.

⁹E.g., veja Dunn 1995: 36, listando esses temas como questões teológicas típicas que suscitarão questionamentos sobre a autoria de Colossenses. D. Moo (2008: 32-3) também menciona a ideia afirmada por alguns de que um autor pseudônimo buscou ligar a autoridade apostólica de Paulo a uma geração de mestres que surgiram após a morte do apóstolo, o que alguns acham que aponta para uma época depois de Paulo, ao que D. Moo oferece uma boa resposta.

¹⁰D. Moo (2008: 34) mostrou a evidência de 1Coríntios.

desse tipo na carta indica que ela não pode ser genuinamente paulina. Mas, de novo, Pascuzzi argumenta, por que Paulo não poderia genuinamente ter desenvolvido essa noção?¹¹ De fato, é evidente que Paulo concebeu a igreja como universal nas suas chamadas epístolas genuínas anteriores (Gl 1.13; 1Co 12.28; 15.9) e Colossenses 4.15–16 expressa um uso local de igreja (assim Brown 1997: 612).¹²

Uma das objeções teológicas mais comuns à autoria paulina é que Colossenses tem uma visão “realizada” de escatologia, ao passo que nas cartas incontestadas a escatologia futurista é retratada como supostamente típica. Muitos responderam a isso reconhecendo a ênfase “inaugurada” em Colossenses (1.13; 1.18; 1.26; 2.12–13; 3.1–3; 3.10), mas também observando a presença de uma perspectiva futura bem definida (1.5; 1.27b; 3.4; 3.6; 3.24; 3.25). E nas epístolas incontestadas, na verdade, Paulo tem uma visão escatológica robusta de “já” e “ainda não”.¹³ A escatologia inaugurada em Colossenses se deve à ocasião em que os falsos mestres questionam a condição dos crentes em Cristo e a suficiência da sua fé. Paulo quer assegurá-los de que eles já estão participando de forma significativa das bênçãos do fim dos tempos em Cristo (veja Pascuzzi 2013: 240–1).

Alguns também consideram o código doméstico em Colossenses 3.18–4.1 tão diferente da descrição paulina autêntica de conduta cristã que ele não pode ter sido escrito por Paulo (de novo, ele é singularmente paralelo no *corpus* paulino ao código doméstico em Ef 5.21–6.9, que também é considerado não paulino). Mas por que o próprio Paulo não poderia ter desenvolvido seu pensamento sobre esse tema? Mesmo que não houvesse respostas às objeções acima referidas sobre cristologia, eclesiologia e escatologia, por que esses também não poderiam ser desenvolvimentos legítimos do seu próprio pensamento?¹⁴

De fato, quase tudo que aparece em Colossenses que não aparece nos escritos paulinos incontestados é considerado evidência de inautenticidade,

¹¹E Pascuzzi (2013) acrescenta que, se Colossenses 1.18a é um hino pré-paulino, o que é quase um consenso entre os estudiosos, então nem Paulo nem mesmo um autor pseudépigráfico foi responsável originalmente pela ideia de Cristo ser a cabeça do corpo da igreja, visto que era tradição pré-paulina, embora Paulo (ou o autor pseudônimo) teria concordado com a ideia ao incorporá-la a sua carta.

¹²Pascuzzi (2013: 38) acrescenta Filipenses 3.6 e 1Coríntios 10.32 a passagens nas cartas “aceitas” de Paulo que se referem à igreja universal, e ela acha que 1Coríntios 1.12 e 2Coríntios 1.1 podem ser incluídas nessas passagens.

¹³Veja Beale 2011: passim; e.g., veja Rm 6.1–13 quanto à ressurreição inaugurada do fim dos tempos e futura ressurreição; veja também Rm 8.1–25 quanto à obra escatológica presente e futura do Espírito.

¹⁴Veja D. Moo (2008: 32–7) para boas respostas à maioria dessas objeções teológicas à autoria paulina.